**2CCHSADAPPE01**

**DIA DE CAMPO: ESTRATÉGIA TÉCNICA E CULTURAL PARA SOCIALIZAÇÀO DE CONHECIMENTOS**

Lucas Kennedy Silva Lima (2); Emanuel Pereira Leal**(1)** Flávia Chaves Cabral (2); Rayana Vanessa Alves Silva**(1),** Jozias Umbelino Leite (2); Ana Jessica Soares Barbosa (2);Alexandre Eduardo de Araújo (3)

Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias/Departamento de Agropecuária/PROBEX

**RESUMO**

O evento teve como objetivo mostrar resultados alcançados com a experimentação agrícola na comunidade e divulgar o potencial de práticas agroecologiacas para melhoria das atividades no dia-dia dos agricultores locais, e que a partir dessas práticas a sustentabilidade possa se irradiar para outros contextos. A metodologia utilizada foi visita a uma área experimental; logo após o enriquecimento de um biofertilizante com MB4; depois a explanação sobre a prática de fenação de maniçoba; em seguida explicar as subdivisões do cercado dos animais, e por ultimo; uma explanação sobre a importância da plantação de arvores ao redor da casa no sitio agroecológico serrote pelado. Foi obtido como resultado uma troca de conhecimentos e integração entre as experiências tanto dos alunos e professores como dos agricultores e representantes da sociedade. Pode-se concluir que a realização de ações dessa natureza é de grande importância para o fortalecimento do elo entre Universidade e a comunidade rural, e que a troca de experiências se faz necessária para ampliação dos conhecimentos dos estudantes.

**palavras-chaves:** Extensão; Troca de Saberes; Agroecologia.

**INTRODUÇÃO**

Nos últimos anos, muito tem se discutido sobre o caráter e papel da extensão universitária, que, conforme definição da própria legislação brasileira, seria um dos três componentes básicos da Universidade. Durante muito tempo relegada a segundo plano, a extensão nunca foi objeto de uma reflexão tão ampla quanto aquela reservada ao ensino e à pesquisa, os outros pólos do tripé educacional, que têm sido alvos de discussões que resultaram em elaborados sistemas de avaliação da produção cientifica e da qualidade dos cursos (SILVA 2006). No entanto, é inegável o *aumento da* visibilidade da extensão nos últimos anos.

A extensão rural tem um papel fundamental na formação de estudante em cursos técnicos ou graduação promovendo um contato direto com o meio externo, onde o aluno tem a oportunidade de interagir com os agricultores, socializando praticas e experiências. A extensão vem com esse vertente de promover uma troca de conhecimentos e discussão sobre as temáticas do campo. Essas praticas de campo se fazem necessárias para que os alunos não saiam dos cursos técnicos ou das graduações lúdicos, onde não se tem noção da realidade ou em que contexto esta inserida a produção familiar.

Para BRASIL/MEC (2001), a extensão pode ser definida como o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A assistência técnica e a extensão rural são serviços de importância fundamental no processo de desenvolvimento rural e da atividade agropecuária (PEIXOTO 2008).

O evento teve como objetivo mostrar resultados alcançados com a experimentação agrícola na comunidade e divulgar o potencial de práticas agroecológicas para melhoria das atividades no dia-dia dos agricultores locais, e que a partir dessas práticas a sustentabilidade possa se irradiar para outros contextos.

**DESCRIÇÃO METODOLÓGICA**

No dia 12 do mês de junho do ano de 2010 ocorreu na comunidade Salgado, município de Casserengue-PB, um dia de campo para socialização das experiências agroecológicas em curso naquela comunidade. Na ocasião estiveram presentes cerca de 60 pessoas entre os quais agricultores da comunidade anfitriã e de comunidades vizinhas como Pedrinhas d’água e sitio Cabeçudo; estudantes e professores do Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias, da Universidade Federal da Paraíba, campus de Bananeiras – PB que integram o Movimento de Educação no Campo e Agroecologia (MECA), bem como representantes da EMBRAPA – Algodão, da ONG ARRIBAÇÃ e autoridades locais, como o vice-prefeito do município e o presidente da associação dos agricultores da comunidade Salgado.

O itinerário combinado segue-se: primeiro a visita a uma área experimental; logo após o enriquecimento de um biofertilizante com MB4; depois a explanação sobre a prática de fenação de maniçoba; em seguida explicar as subdivisões do cercado dos animais, e por ultimo; uma explanação sobre a importância da plantação de arvores ao redor da casa no sitio agroecológico serrote pelado.

**RESULTADOS**

A primeira ação do dia foi conhecer a comunidade Salgado. Antes do grupo se dirigir para o experimento, foi apresentado o Sr Dede Jurema *“um dos últimos agricultores do mundo a cavar açude de jumento”* como disse o professor Alexandre Eduardo de Araújo, coordenador dos trabalhos pela UFPB. Esse agricultor junta um pessoal para cavar o barreiro; o jumento transporta a terra e por fim ele entrega o açude todo pronto com o sangrador e diz até a capacidade de água do açude. Seu Dede comenta que comprou as sementes e não vai plantar esse ano. Ele diz: *“A gente só faz o que Deus quer!”*, por que infelizmente a falta de chuva não permitiu a plantação. Ele conta que foi morar na comunidade aos 12 anos de idade e conhece muitas histórias daquele lugar. Nessa prosa ele revela que na comunidade do Salgado já existiu um cemitério que com o tempo acabou-se e uma feira livre que acabou por causa de uma briga de jumentos. Atualmente tem um prado de vaquejadas, uma capela e 53 famílias residindo.



**Imagem 1: Dedé Jurema, tropeiro construtor de barreiro, um dos últimos a dominar essa arte.**

Depois da prosa com o seu Dede Jurema o grupo de dirigiu para as terras do seu Aluizio Casado. Lá o agriculto estava cortando capim para alimentar seus animais, esses consistem em 10 cabeças de ovinos e 10 de bovinos. Os animais são a poupança viva de seu Aluizio, pois quando o agricultor necessita vende um dos bichos para inteirar a feira. Esses animais são alimentados basicamente com Palma, Capim elefante e pastagem o ano todo. O seu Aluizio em tempo de seca planta na vazante, onde no inverno passa o Rio Curimataú. Foi perguntado para ele como estava a sua produção, no que ele respondeu: *“Desse jeito ai, morreu quase tudo, sem chover né?”*; e assim o agricultor compara com inverno do ano de 2004 em que ao contrário desse ano de seca, perdeu toda a sua plantação pelo excesso de água, *“45 dias de água sem parar”* disse ele. A propriedade do seu Aluizio de chama Caxexa e ele diz que passa o dia todo lá, só vai em casa para se alimentar. No curso da paisagem, no retorno ao Salgado, foi observado que frutíferas que haviam lá tinha sido dizimadas para dar lugar ao pastoreio, ou seja, nestas paragens esqueceram-se da alimentação humana, numa área física tão próxima a área em que Seu Aluisio trabalha em uma realidade diferente a sustentabilidade de seus animais.

****

**Imagem 2: Seu Aluisio Casado, agricultor experiente da comunidade Salgado. Com sua experiência ele cultiva a sustentabilidade da alimentação animal e da família.**

**Visita a Uma Área Experimental**

Saindo da propriedade Caxexa o grupo de dirigiu para o local de um experimento agrícola onde o estudante de Licenciatura em Ciências Agrárias Wagner dos Santos Lima conduziu os trabalhos fazendo uma explanação inicial destacando a importância da pesquisa entre os agricultores e estudantes da universidade; esse experimento é realizado com plantas de Milho e Feijão macaça, que são as culturas mais plantadas pelos agricultores da região. Entre outras características a iniciativa trabalha a importância da fertilidade do solo obtida com praticas agroecológicas. As culturas estão divididas em quadrados chamados parcelas experimentais, e alguns desses quadrados foram adubados com duas fontes de matéria orgânica: esterco (40 kg/m², dando uma quantidade estimada de 20 t ha) e biofertilizante; uns foram cobertos com matéria seca (cobertura morta de vegetais) e outros ficaram ao natural. Todo experimento totaliza 5 blocos de 10 parcelas experimentais.

*“O trabalho feito com Seu Aluisio foi para testar o estrume, o biofertilizante e a cobertura morta nas culturas do milho e do feijão. O objetivo é mostrar para os agricultores a eficiência das praticas agroecológicas, pois o nosso alimento vem da terra e existem terras fortes e terras fracas e quem enfraquece essas terras somos nós mesmos quando não damos a ela sua devida importância. Da mesma maneira que ficamos fracos quando não nos alimentamos a terra também fica fraca quando esta descoberta e não é adubada; olhando para o experimento pode-se notar que o tamanho do milho e do feijão indica qual a melhor forma de plantar e desse jeito cuidar da terra de uma maneira diferente”*, disse Alexandre Eduardo Araújo, professor coordenador desse projeto de pesquisa. Neste momento todos estavam reunidos em um círculo, era o primeiro momento na área experimental. Assim houve uma rodada de apresentação do pessoal presente, foi quando cada um disse seu nome, o que faz e de onde são.

Depois que todos se apresentaram, dividiram-se em quatro subgrupos para fazer uma análise das diferenças que as culturas plantadas mostravam, em questão de desenvolvimento e viçosidade, a partir do manejo em que foram submetidas. De inicio foi mostrado para eles um formigueiro ao lado de um pé de milho e percebeu-se que as formigas não cortavam as plantas. Os participantes presentes afirmaram nunca terem visto isso, e foi explicado para eles que as formigas não cortavam o pé de milho por que elas eram controladas com praticas agroecológicas pela oferta de Maniçoba, uma planta muito comum na região que contém um ácido que mata os fungos que servem de alimentos para as formigas e consequentemente elas morrem de fome. Outra planta que também é usada

para esses fins e existe no experimento é o Gergelim que é atraente para esses insetos e dessa forma pode-se controlar a quantidade de formigas no roçado.



**Imagem 3: Experimento com feijão e milho adubados com biofertilizante e esterco curtido, e tratado com a cobertura morta.**

Prossegui-se mostrando a diferença entre uma plantação adubada com biofertilizante e outra sem nenhum tipo de adubo; foi notado por eles à diferença de tamanho das culturas que receberam tratamento, quatro rapazes do grupo, Rodrigo, Mauricergio, Cledinaldo e Durval afirmaram conhecer o biofertilizante; os outros do grupo não conheciam.

Também foi comparado com o uso da corbetura morta, e eles perceberam a eficiência dessa pratica, as plantas estavam mais verdes, pois a cobertura conserva a umidade o solo e com o passar do tempo se transforma em adubo.

No roçado mais cuidado se tira uma quantidade de milho muito mais significativa e esses cuidados baseados na agroecologia não custam nada, simplesmente tempo e mão-de-obra*. “Eu acho que essas aulas que a gente tá tendo com vocês ta mostrando que é a gente que ta trabalhando sem coragem”* disse um deles percebendo que se dedicando mais ao seu roçado terá com certeza uma produção melhor. Mesmo com a seca em alta foi possível comprovar a eficiência dessas práticas alternativas.

E também foi ensinado para eles como curtir o esterco para ser colocado nas plantas “*deixa ao sol e águe umas três vezes, ai ele já pode ser usado. O esterco verde queima as plantas é necessário que ele esteja curtido*” declarou Wagner.

Foi explicado em meio à apresentação que as plantas que são adubadas com o biofertilizante sofrem uma incidência menor de ataque das lagartas, pois o seu cheiro forte

atua como repelente, e por fim foi ressaltado que os agricultores devem testar essas técnicas aos poucos para observar qual se adapta melhor a sua realidade.

**Práticas agroecológicas já existente na comunidade**

Saindo do local onde se encontra o experimento o grupo se dirigiu para o centro de referencia em agroecologia na comunidade do salgado e o interesse lá era continuar mostrando mais praticas agoecologicas que facilitam não só a vida do agricultor como também contribui para a preservação ambiental, um exemplo é o rodapé de Macambira no cercado, uma planta muito comum na região, que impede a fuga de animais da mesma maneira dos fios de arame, com a vantagem de sair a custo zero. Essa prática serve também para conservar solos de baixada, pois as plantas de macambira plantadas nas cercas em curvas de nível ajudam a barrar a erosão eólica e pluvial. Existem também as cercas vivas de gliricídia e aveloz, que consistem em processo de arborização muito interessante, pois assim como a macambira, além economizar arame o agricultor estará diversificando as espécies plantadas em seu agroecossistema. Essas práticas já existiam na comunidade antes das iniciativas no sitio agroecológico.

**Confecção de feno de Maniçoba**

A alimentação animal com a confecção do feno a partir de plantas nativas da região como, por exemplo, a Maniçoba, a Algaroba, o Facheiro, a Gliricidia, o Marmeleiro e outros.

O feno feito com a maniçoba sofre rejeição dos agricultores devido à presença do ácido cianídrico, mas foi explicado que o animal não corre riscos ao se alimentar. Isso por que esse ácido é volatizado na medida em que a planta é triturada e desidratada pelo sol abundante. Consequentemente mostrou-se para os agricultores os animais se alimentando sem que ocorresse alguma reação maléfica ao seu organismo.

“*A grande preocupação na alimentação animal agroecológica é a utilização de plantas da região que possam servir de alimento para esses animais. Muita gente pergunta se podem ser usadas todas as plantas para esse fim e eu respondo que sim; porém plantas como juazeiro, feijão bravo, gliricídia, pau d’arco, não são recomendadas, pois estas são plantas que permanecem verdes durante a seca de modo que são fontes de forragem verde durante a estiagem. Para preparar o feno as plantas são passadas na máquina forrageira; mas, quando não tem forrageira, o agricultor pode cortar as plantas com a faca mesmo e colocá-las ao sol*”, dispôs assim José Gedilson Henrique, professor do programa Projovem Campo e organizador das atividades de confecção do feno de maniçoba no sitio agroecológico.

 

**Imagem 4: José Gedilson expõe sobre a confecção do feno de maniçoba, uma alternativa agroecológica de alimento para os animais criados na agricultura familiar do semi-árido.**

**Arborização**

Na sequência das exposições e discussões destacou-se a arborização ao redor da casa, que alem de ajudar a natureza plantando mais árvores ainda deixa o lugar mais arejado. Ao redor da sede do sitio agroecológico foram plantadas inúmeras mudas arbóreas. A intenção é incentivar quem visitar a instalação da sede para aumentar a arborização no arredor de suas casas.

**Cercado agroecológico para caprinos e ovinos**

A importância do manejo adequado dos animais foi destacada, onde lá, no centro de referencia, o curral que é feito com varas de faxina e possui divisões que separam os pequenos ruminantes por tamanho, para que não haja competição por alimento, e ainda por questão de sanidade, pois no curral existem 4 compartimentos: um reservado para as fêmeas prenhas ou em lactação; outro para os animais doentes; e dois destinados aos animais sadios separando os por tamanho.



**Imagem 5: Ovinos se alimentando com feno de maniçoba no cercado agroecológico**

**Biofertilizante**

Outra atividade realizada nesse dia foi a alimentação de um biofertilizante confeccionado por pesquisadores da Embrapa. No biofertilizante foi adicionada uma quantidade de pó de rocha chamado MB4, ao passo que iam sendo explicados os procedimentos para confeccionar esse fertilizante e como usar desatacando a necessidade de diluição do material. O agricultor Everaldo relata que usou o biofertilizante no feijão mulatinho fazendo um teste em três fileiras, segundo ele as plantas tratadas com biofertilizante puro foram queimadas.

**Momento cultural**

Após a parte técnica do dia de campo houve um momento de lazer onde alunos da UFPB mostraram um pouco de talento na parte cultural, enquanto serviu-se o almoço: todos se deliciaram com uma favada típica da região preparada pelas agricultoras da comunidade.

****

**Imagem 6: Estudante Adelmo fecha o dia de campo com música ao vivo.**

**Conclusão**

Pode-se concluir que a realização de ações dessa natureza é de grande importância para o fortalecimento do elo entre Universidade e a comunidade rural, e que a troca de experiências se faz necessária para ampliação dos conhecimentos dos estudantes.

**Referencias**

Peixoto, M.; **EXTENSÃO RURAL NO BRASIL – UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DA LEGISLAÇÃO;** **Consultoria Legislativa do Senado Federal, Centro de Estudos;** Brasília, outubro / 2008.

SILVA, Maria do Socorro; VASCONCELOS, Simão Dias. Extensão universitária e formação profissional: avaliação da experiência das Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 17, n. 33, jan./abr. 2006. p. 119/135. Disponível em: <[www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1280/1280.pdf](http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1280/1280.pdf)>. Acesso em 27/09/2010.

BRASIL. MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC. Brasil: 2000/2001. Disponível em: <www.extensao.ufba.br/planonacionaldeextensao.asp>. Acesso em: 27 Setembro, 2010